

LabArte - Águas da palavra, palavra en-cantada - Travessias



Gilvan Samico. *O rapto do sol*. Xilogravura, 1984.

*Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra*

(Chico Buarque, [Uma palavra](#))

Há na palavra algo que flerta com a sedução. Assuma-se qualquer nuance que possa haver em sua emissão, podemos nela encontrar gotas de persuasão. Palavra falada, de boca e de língua. Palavra escavada, em barro, pedra, pena, pano. Palavra sonhando, tecendo, navegando na terceira margem. Em canto de águas, palavra encantada. É por meio dessa natureza plural que buscamos iniciar uma jornada pela palavra e as relações que nutrimos com as possibilidades abertas ao vivenciarmos suas propriedades enquanto escrita, fala ou canto.

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.*

[...]

(Carlos Drummond de Andrade, [A palavra mágica](#))

Entre a palavra diurna - recheada de dados, informes, hipóteses, argumentos e conclusões - e o silêncio noturno - quando, com sorte, a razão adormece e o sonho se instala -, é possível a palavra crepuscular? Em que momentos e espaços nos permitimos pronunciar essa palavra que não esmaga as entrelinhas com seu palavrório?

... quando leio o que circula por essas redes de comunicação ou ouço o que se diz nesses encontros de especialistas, a maioria das vezes tenho a impressão de que aí funciona uma espécie de língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada da qual se apagou qualquer marca subjetiva. Então o que me acontece é que me dá vontade de levantar a mão e de perguntar há alguém aí?

(LARROSA, 2014, p. 59.)

Há em nós a palavra que é canto por se fazer silêncio e som, melodia e poesia, memória e imaginação. Mais pergunta que resposta, mais caminho que chegada, travessia de si a si, de si ao outro que nos habita e co-habita. Palavra navegante entre as duas margens, terrenas, mensuráveis, e uma terceira, fluido vir a ser. Margem da palavra. Água da palavra.



Vermelho. *Canoa do Cuiabá*. Xilogravura, 2013.

*Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai
[...]*

(Caetano Veloso, [A terceira margem do rio](#))

“Casa da palavra, onde o silêncio mora”, canta Caetano, ecoando Guimarães Rosa. Ouvir a voz das águas exige silêncio. E a palavra ganha asa. “Rio riu ri... Asa da palavra. Asa parada. Casa da palavra.” Transitória por (in)definição. No brinquedo silencioso, entre terra e água, a palavra se revela e nos revela. O solo, sólido, sisudo, à beira-rio ganha macieza, dança entre os dedos, vira argila, articula fragmentos nossos, ossos, nós. A areia à beira-mar se borda nas ondas, se tece renda e dança nos pés da ciranda.

Água da palavra. Que palavra ecoa nessa busca silente, desperta à noite, quando tudo cala, menos uma sede sem nome, sem voz, sem fim? Sede que brota do oco de nós, na profundidade escura que nos enraíza e nos eleva, guia dos sonhos esquecidos ao grito metálico do despertador. Mas no fundo da língua resiste um gosto salobro, íntimo e estranho, talvez um canto encrustado na garganta, palavra que não ganhou asa, canoa que olvidou o (des)tino navegante.

No oco de nós ecoam as vozes essenciais da terra, o fundo rebumbar de seu coração marinho, subterrâneo doce da vida que em si sepulta. O silêncio da terra e suas veias coaguladas de nossas palavras é a morada que nos basta.

(Tamara Castro)

Cultivar essa palavra orvalhada de silêncio não é preciso, assim como “viver não é preciso”. Não há precisão, garantias, destinos predefinidos em uma busca por nós, entre nós, trama intrincada, labiríntica. Mas preenhe de alma, presença, vida. Diz Bachelard (2005, p. 11) que a poesia, “mesmo não tendo uma necessidade vital, é ainda uma tonificação da vida”, pois um grande verso “sanciona a imprevisibilidade da palavra”. E nos indaga: “Tornar imprevisível a palavra não será uma aprendizagem de liberdade?”

*Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
[...]
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor os meus silêncios.*

(Manoel de Barros, [O apanhador de desperdícios](#))

Entender bem o “sotaque das águas” e assim, reservando mananciais de silêncio, permitir que a poesia brote entre as palavras. Será essa a (des)aprendizagem que Manoel de Barros nos sussurra? À flor das águas, no acalanto dos seus marulhos, a linguagem diurna adormece, nos esquecemos dessas palavras “fatigadas de informar”, e um devaneio nos toma. Ouvimos sílabas líquidas que cantam, despertando desejos meninos, imagens esmaecidas como folhas dançarinas na tarde de outono. Outra palavra, prene de silêncio e som, memória e esquecimento, saber e não saber, se faz senhora.

*... é preciso que o saber seja acompanhado de um igual esquecimento do saber.
O não saber não é uma ignorância, mas um ato difícil de superação do conhecimento. É a esse preço que uma obra é a cada instante essa espécie de começo puro que faz de sua criação um exercício de liberdade.*

(Jean Lescure, Lopicque, apud Bachelard, 2005, p. 16)

Segundo Paes Loureiro (2008), na linguagem comum, predominantemente referencial, comunicativa, a função poética está submersa, em potência. Essa função, que emerge no mito e no poema, é fruto de um mergulho:

Imagem de Orfeu que mergulha na profundidade das coisas, para resgatar a mulher amada, o poeta mergulha na linguagem, para desencantar de suas encantarias, o poético, a poesia, os poemas ali contidos.

(Paes Loureiro, 2008, p. 9)

Será, então, que a poesia, assim como o mito, nasce de uma entrega, um mergulho na vida, com toda a sua incerteza? De um esquecimento do conhecido e comum em busca da singularidade e do mistério subjacentes à palavra diurna?

*A água da minha alma
tem raízes sulfúreas
algas que incendeiam com seu gélido serpentear
desde o mais fundo abismo – cujo pisar enlameado é apenas prenúncio –
como mãos de cigana
chama
ao vento abaulando as velas
na direção das névoas tenebrosas
entre cantos de sereia e o mais sepulcral segredo*

*Aonde às cegas
coração sem cera nos ouvidos
me precipito sem fim e sem começo
em direção ao sol ofuscante e negro*

(Tamara Castro)

Serão as águas, erodindo, amaciando, fecundando as margens, aliadas nessa busca pela palavra poética? Serão as vozes do riacho, da cascata, da maresia fios de Ariadne que nos guiam ao oco de nós, ao eterno e indizível mistério de cada um?

Dos quatro elementos, somente a água pode embalar. É ela o elemento embalador. Este é o traço de seu caráter feminino: ela embala como uma mãe. O inconsciente não formula o seu princípio de Arquimedes, mas o vive. Em seus sonhos, o banhista que nada procura, que não acorda gritando Eureka, como um psicanalista espantado com os menores achados, o banhista, que reencontra à noite o “seu ambiente”, ama e conhece a leveza conquistada nas águas; goza dela diretamente como de um conhecimento sonhador [...] que abre um infinito.

(Bachelard, 2013, p. 136)

Um conhecimento sonhador, feito menos de conquista do que entrega, será propício à experiência, que, para Larrosa (2014), tem a ver com os limites (as margens) do saber, do poder e do dizer? Se assim for, a experiência pede uma linguagem feita de paixão e de incerteza, uma linguagem com “sabor de boca” (Pardo, apud Larrosa, 2014, p. 88), da nossa boca, que se enrosca na de outros parceiros de travessia destas a outras margens, daqui e d’além. São palavras inchadas de água que ecoam o canto timoneiro:

*Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar*

([Timoneiro](#), Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho)

Fica o convite para ouvirmos juntos o sotaque das águas e, por entre seus marulhos, à dança de suas ondas, buscarmos a palavra mágica, a palavra crua, a palavra que nos fala e nos cala.

*Diante de ti, mar
desse azul afora
além*

*da minha pequena imensa
dura mansa casca
abro-me janelas*

*ventos me percorrem por dentro
tornada sal areia*

*e um canto findo e fundo
nascente dessa dor que me inunda*

*serena minhas arestas
e me aceita ondeada
ocarina*

(Tamara Castro)

BIBLIOGRAFIA

- ANDRESEN, Sophia de Mello B. *Antologia Mar*. 7. ed. Alfragide: Caminho, 2008.
- _____. *A menina do mar*. São Paulo: Cosac Naif, 2013.
- ARCHANJO, Neide. *As marinhas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A água e os sonhos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARROS, Manoel. *Memórias inventadas - As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2012.
- ELIADE, Mircea. *As águas e o simbolismo aquático* in *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- HIRATSUKA, Lúcia. *Oriê*. Rio de Janeiro: Nova Zahar, 2014.
- LARROSA, Jorge. *Tremores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. A perigosa lara. In: *Como nasceram as estrelas - Doze lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras, 2008.
- ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. 49. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, António Ramos. *Animal olhar*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos orixás*. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997. Ilustrações de Carybé.

MÚSICAS

- BETHANIA, Maria. [Noiva, Cantiga da Noiva - Pirata - Floresta Do Amazonas](#) (Dorival Caymmi/Heitor Vila-Lobos/ poema Pirata, de Sophia de Mello).
- _____. [Debaixo d'água - agora](#) (Arnaldo Antunes - [entrevista](#) sobre a história dessa música).
- _____. [Memórias do mar](#) (Vevé Calazans , Jorge Portugal).
- BUARQUE DE HOLANDA, Chico. [A ostra e o vento](#) (Wagner Tiso/Chico Buarque).
- _____. [Morena dos olhos d'água](#) (Chico Buarque).
- CASTRO, Mariene de. [O mar serenou](#) (Candeia).
- CAYMMI, Dori. [Na ribeira desse rio](#) (Dori Caymmi/Fernando Pessoa. LP *A música em Pessoa*, lançado em 1985).
- CAYMMI, Dorival. *Canções praieiras* (CD). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DjLzz7dho2U>.
- CEUMAR. [Rio verde](#). (Ceumar/Gildes Bezerra).
- CORDEL DO FOGO ENCANTADO. [Chover \(ou invocação para um dia líquido\)](#).
- MARQUES, Dércio. [Espelho d'água](#) (CD, 1999).

ELOMAR. [Curvas do rio](#) (Elomar).

ELOMAR; XANGAI; AZEVEDO, Geraldo. [Suíte da correnteza](#) (Alceu Valença /Geraldo Azevedo/Carlos Fernando).

NASCIMENTO, Milton. [Canoa canoa](#) (Nélson Ângelo e Fernando Brant).

NUNES, Clara. [Conto de areia](#) (Norival Reis/Dedé).

OZETTI, Ná. [Outra viagem](#) (José Miguel Wisnik).

PAULA, Consuelo de. [Riacho de Areia/Canto Dos Congadeiros de Pratápolis](#) (canção de domínio público, recolhida por Dércio Marques, com arranjo de Consuelo de Paula).

PEREQUÊ, Luis. *Encanto caiçara* (CD). Disponível em: <http://www.garagemmp3.com.br/luis-pereque>>.

SALMASO, Mônica. [Canção IX](#). In: BALEIRO, Zeca. *Ode Descontínua e Remota para Flauta e Oboé - De Ariana para Dionísio* (CD baseado no livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, de Hilda Hilst, lançado em 1974).

TEIXEIRA, Katya. [Água d'água](#) (Jean Garfunkel, Paulo Garfunkel).

VELOSO, Caetano. [A terceira margem do rio](#) (Caetano Veloso).

VIOLA, Paulinho. [Timoneiro](#) (Paulinho da Viola/Hermínio Bello de Carvalho)

FILMES

[A ostra e o vento](#). (Brasil, 1997). Dir. Walter Lima Jr.

[A terceira margem do rio](#). (Brasil, 1994). Dir. Nelson Pereira dos Santos.

[Caramujo-flor](#) (Brasil, 1989). Dir. Joel Pizzini.

[Limite](#) (Brasil, 1931). Dir. Mário Peixoto.



*Ah se meu cavalo branco
Feito de plancto e espumas
Não se desmanchasse na areia
Eu seria, eu seria eu, sereia...
Se minhas asas esculpidas em cúmulos*

*Pesadas de tantos sonhos
Não se desmanchassem com o vento
E eu centímetro por centímetro, sentimentos
E a liberdade, de nada saber sobre os homens, nada...
Queria não acreditar nem atribuir a Deus
O que não compreendo
Apagar a existência de divindades
Entre eu, os cachorros, as flores e as fadas
E ser só asas...
Homem asa, homem alma, homem pássaro
Pássaro nos dias vestidos de azul
Como é comum no outono
Mas não, sou preso de carne, ossos e planos
Planos inúteis de tão humanos...
E meu cavalo branco
Feito de plancto e espumas se desmancha na areia
E se recria no rufar dos remos,
Na linha d'água das canoas, na proa de grandes navios
Na prata que cai da lua, no ouro que finda a aurora
Nas vozes que trazem o dia.*

(Luis Perequê, Homem alma)